

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada (Parte III)
4 de Setembro de 2024

RICHARD III / 1984

um filme de Raúl Ruiz

Realização, Argumento: Raúl Ruiz / Texto francês: Jean-Michel Deprats / A partir de: *Richard III* de William Shakespeare e da encenação teatral de Georges Lavaudant / Fotografia: Jacques Bouquin, Gérald Dumour, Jacques Gaudin / Som: Jean-Claude Brisson / Montagem: Martine Bouquin, Rodolpho Wedeles / Música: Jorge Arriagada / Guarda-Roupa: Jean-Pierre Vergier / Interpretação: Ariel Garcia-Valdès (Richard III), Gilles Arbona (Duque de Buckingham), Marc Betton (Sir William Catesby / Édouard IV), Philippe Morier-Genoud (Rainha Margaret), Michel Ferber (Lord Hastings), David Bursztein (Marquês de Dorset), Annie Perret (Rainha Elisabeth), Charles Schmitt, Philippe Morier-Genoud, Marie-Paule Trystram, Michel Ferber, Louis Beyler, Jean-Claude Wino, David Bursztein, Georges Lavaudant, Denis Termet, Patrice Usseglio, Charles Paraggio, Melvil Poupaud.

Produção: Institut National de l'Audiovisuel (INA), Maison de la Culture de Grenoble, Ministère de la Culture de la République Française, Télévision Suisse-Romande (TSR) (França, Suíça) / Cópia: em DCP, cor, falada em francês, legendada eletronicamente em português / Duração: 121 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Richard III, uma das mais célebres peças políticas de Shakespeare, tragédia sobre a ascensão e a queda de um tirano que conquista o poder através de crimes e traições, sendo depois assombrado pelas suas vítimas, foi apresentada publicamente pela primeira vez em 1597. E, como muitas outras das mais conhecidas peças de Shakespeare, *Richard III* conheceu várias versões cinematográficas. Se as primeiras datam logo dos primeiros anos do mudo, e várias delas (as mais livres) foram “actualizadas” para o seu tempo, uma das mais célebres é a de Laurence Olivier de 1955, que tem o realizador-actor como protagonista, ao lado de outros grandes actores como John Gielgud.

Encomendado pela Maison de la Culture de Grenoble, o filme de Ruiz integra um conjunto de várias obras que o cineasta realiza em França durante a década de oitenta a partir importantes peças teatrais. Entre elas encontramos **Bérénice** (1983), adaptação da tragédia seiscentista de Racine, **Richard III** e **Mémoire des Apparences** (1986), que adapta o clássico do teatro barroco espanhol *Vida es sueño*, de Calderón de la Barca. Três filmes que mostramos na Cinemateca nestes dias e que correspondem a três obras teatrais a partir das quais Ruiz explora diferentes modos de relação entre a criação teatral e a sua transposição cinematográfica, sendo talvez **Richard III** o mais “clássico” de entre eles. Em **Richard III** Ruiz parte de uma encenação teatral apresentada por Georges Lavaudant no Festival de Avignon, um dos nomes mais importantes do teatro francês da

sua geração, e, recorrendo aos seus actores, e ao mesmo texto em francês de Jean-Michel Deprats, inventa uma ficção com contornos muito particulares.

Recusando o palco teatral, Ruiz desloca a “peça” para novos décors, grande parte deles ao ar livre: “um lago, os subterrâneos de uma fortaleza, uma gruta em estúdio...”, como especifica uma nota da altura, quando o filme foi apresentado no Festival de Cannes. Esta é uma das mais importantes características do filme, dado que Ruiz tira grande partido dos espaços abertos e das suas potencialidades, nomeadamente do impressionante cenário natural, que explora com a câmara. Podemos dizer que **Richard III** é um filme barroco que, embora longe de algumas das mais arrojadas experiências visuais e formais de alguns dos filmes de Ruiz seus contemporâneos, trabalha várias dimensões do espaço cinematográfico, aproximando-se amiúde de uma ideia de pintura, dado o cuidado extremo que coloca nesse mesmo espaço, nas suas cores, na composição.

Não obstante a sua dimensão fortemente teatral não se trata, no entanto, de “teatro filmado”, nem de um filme narrativo no sentido mais tradicional do termo, mas de um objecto “entre” estas duas dimensões. A ficção desenvolve-se em várias linhas paralelas, enquanto se acumulam personagens maquiavélicas, situações estranhas, falsas aparências e traições, comuns ao universo de Shakespeare, mas aqui transformadas pela peculiar “visão do mundo” de Ruiz. Sobreposição de camadas narrativas que encontram a sua correspondência numa sobreposição visual (como acontece na cena da prisão). Richard III, na peça e no filme é Ariel Garcia-Valdès, que encarna tal rei sinistro e caprichoso, num dos seus primeiros grandes papéis, tanto no teatro (foi uma das grandes revelações do Festival de Avignon) como no ecrã. Depois de terminado **Richard III** somos durante muito tempo assombrados pelo seu rosto e pela sua presença de modo invulgar.

Como descreve Christine Hamon-Siréjols no seu *De Palazzo mentale à Richard III, deux expériences de théâtre filmé* : « Para a sua versão cinematográfica, Raúl Ruiz decidiu filmar ao ar livre... Estabeleceu-se, por isso, nos Alpes, em Monteynard, não muito longe de Grenoble, na rota de Napoleão...Esta zona deserta, rodeada por um lago glacial, tornada ainda mais inóspita pelo fumo negro que emanava dos pneus em constante combustão, tornou-se o cenário de todas as cenas. (...) No projecto inicial a acção deveria desenrolar-se não no século XV, mas sim num mundo mítico e distante como sugere o início do filme que situa a acção em “2003 antes de Gulliver”. Na verdade, Raúl Ruiz manteve os figurinos do espectáculo claramente datados como sendo da época isabelina, mas projectou-os num universo devastado de antes de toda a História.» É esse mundo devastado, povoado por personagens sinistras que nos devolve Ruiz, que ao trabalhar esta confluência de tempos, não deixa de evocar o tempo presente.

Joana Ascensão